

“MEIO QUILO DE GENTE”: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE ULTRA-SOM OBSTÉTRICO. Chazan LK. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 230 pp. (Coleção Antropologia e Saúde).

ISBN: 978-85-7541-127-8

Esse estudo antropológico sobre ultra-som obstétrico em três clínicas particulares no Rio de Janeiro leva o leitor numa intrigante viagem intelectual, com diversos parapeiros, desde as descrições minuciosas dos acontecimentos no interior das salas de consulta dos obstetras ultra-sonografistas, até o lugar, na visão da autora, das práticas e discursos por ela descritos, num esquema geral teórico, seguindo os moldes da análise de biopoder Foucaultiano. O livro traz para o público a primeira investigação etnográfica em profundidade da prática dessa especialidade médica no Brasil, situada frente a uma discussão sucinta da literatura antropológica internacional sobre o tema. Mas, a sua importância não se deriva apenas da originalidade do objeto de investigação, pois, desde a primeira página, o trabalho se destaca pela sua competência e delicadeza, pela qualidade do texto, e pela sofisticação da sua análise.

Distintas qualidades se fazem notar: a clareza com que as referências bibliográficas referentes a diversas áreas disciplinares são discutidas e integradas ao argumento; a descrição e discussão metodológica, sobre a pesquisa antropológica em clínicas médicas, de grande valor didático, e a escrita da etnográfica em si. Chazan escreve com claro prazer, explorando em minucioso detalhe o modo em que os participantes nas sessões de ultra-sonografia – as gestantes, seus parceiros e familiares, e os médicos – juntos constroem e negociam significados sobre as imagens cinzentas na tela de um monitor produzidas pela tecnologia de ultra-som. Ela demonstra que a produção de sentido é dinâmica e interativa (sendo os médicos tecnicistas cientes que deste modo agradam os clientes, os estimulando a retornar) mas, mesmo assim, regida pelo expertise do médico, que “ensina” aos demais quais significados derivam as imagens.

O resultado principal dessas interações ultrapassa o ostensível objetivo médico de uma consulta – de diagnosticar possíveis patologias e checar o crescimento do conceito conforme os padrões “normais”. O objetivo médico vem a ocupar um segundo lugar, na medida em que o feto ganha peso e forma, e a gestante retorna para sessões sucessivas. A interpretação das imagens leva à produção do bebê como ser social, cuja individualidade é prefigurada e construída nas reações e locuções dos atores. No momento em que o sexo é estabelecido, o bebê toma os contornos de uma pessoa, com identidade própria, cuja visualização na tela, nas gravações e nas “fotos” impressas levadas para casa é fonte de crescente prazer destas e dos seus familiares.

Segundo Chazan, o prazer de “ver o bebê” se torna um dos principais motivos da marcação de futuras sessões (exceção feita no caso daquelas gravidezes em

que alguma anormalidade ocasiona ansiedade e outras emoções negativas). É com astúcia e elegância que Chazan argumenta, no sexto capítulo, que a expansão no Brasil da ultra-sonografia fetal como espetáculo e objeto de consumo em si, com seus contornos social e culturalmente específicos, dá um impulso forte à continuada medicalização da gravidez no país. Seguindo a abordagem analítica que tem um lugar praticamente hegemônico nas discussões sociológicas e antropológicas sobre a biomedicina, ela defende que essa medicalização integra a expansão do biopoder, propiciando a vigia, normatização e controle dos corpos. Na conclusão do livro, a autora sustenta que o prazer de ver as imagens age como ponto central de conexão entre este aspecto da ultra-sonografia obstétrica no contexto sociocultural em foco (das classes média e alta carioca), e o aspecto em que os discursos sobre as imagens ultrasonográficas fazem dos fetos pessoas.

Nas interações entre profissionais de saúde, gestantes e outros participantes, ocorridas durante as sessões de ultra-sonografia, o médico reafirma a hegemonia de uma epistemologia que privilegia o visual, o que é uma característica chave do conceito do saber na cultura em foco, como nota Chazan. No primeiro capítulo, ela explora a construção do olhar, a visualidade, e o lugar das tecnologias de imagem na produção de “verdades” sobre o corpo, na “sociedade ocidental contemporânea” – conceito que inclui o segmento da sociedade brasileira em foco, aquele cujos membros gozam de acesso à medicina particular. Esse capítulo, junto com o que segue – uma revisão da recente produção antropológica internacional sobre ultra-sonografia obstétrica – introduz os temas principais que os demais capítulos vão explorar. O ponto de partida é uma discussão da visualidade, no seu entrelaçamento com o saber e o poder, na história européia dos últimos séculos. Baseada na sua revisão da literatura sobre o período, Chazan descreve como a visualidade veio a ocupar um lugar de destaque na maneira como os sujeitos se relacionam com o mundo, para então explorar o impacto da criação e difusão das tecnologias imagéticas, sobretudo, o ultra-som, sobre a obstetrícia no século 20. Esses dois capítulos fornecem a base analítica e de comparação cultural para a análise da etnografia realizada pela autora, nos capítulos seguintes.

Nota-se que Chazan toma como dado que o Brasil (ou um segmento importante da sociedade brasileira) pertence a uma categoria denominada “sociedade ocidental contemporânea”. Desse modo, situa a sua análise dentro do escopo analítico histórico citado, seguindo a tradição sociológica que constrói a “modernidade” como propriedade substantiva dessas sociedades denominadas “ocidentais”. Essa assimilação acrítica do mundo dos sujeitos pesquisados a uma categoria nebulosa de “sociedade ocidental” é recorrente em estudos sociais brasileiros, inclusive, na antropologia da pessoa, referencial importante para Chazan. No entanto, a desconstrução da noção de “ocidente” como

conceito analítico ou descritivo, bem como da noção da pessoa atribuída às “sociedades ocidentais”, tem provocado debate na antropologia desde a década de 90 (ver, por exemplo, a coletânea de Carrier¹). Para uma discussão crítica da antropologia da pessoa no Brasil, em relação ao conceito de “sociedade moderna ocidental”, ver Cabral² e McCallum³).

Uma omissão na discussão de Chazan sobre a sua própria etnografia diz respeito ao tema de parentesco, que está ganhando renovada importância na antropologia da reprodução e das tecnologias reprodutivas (ver, por exemplo, Edwards et al.⁴). Ao destacar a construção do feto como pessoa individuada (com sexo e nome), o argumento dá menos ênfase na esfera relacional de parentesco. Um aprofundamento da discussão nessa direção enriqueceria a análise já extremamente convincente de Chazan, e levaria a uma abordagem mais ampla, o que possibilitaria a dispensação do apelo a categorias nebulosas e amplas, em favor de um maior rigor científico etnográfico.

Essas críticas são oferecidas em espírito de debate, sem a intenção de desmentir a importância desse trabalho. Não resta dúvidas de que “*Meio Quilo de Gente*”: *Um Estudo Antropológico sobre Ultra-Som Obstétrico* é item indispensável para qualquer coleção bibliográfica de qualidade sobre a biomedicina e sobre a reprodução no Brasil.

Cecilia McCallum
Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.
cecilia.mccallum@uol.com.br

1. Carrier JG, editor. *Occidentalism: images of the west*. Oxford: Clarendon Press; 1995.
2. Cabral JP. A pessoa e o dilema brasileiro: uma perspectiva anticesurista. *Novos Estudos CEBRAP* 2007; 78:95-111.
3. McCallum C. Sem nome: pessoa como processo na dinâmica racial e de gênero brasileira. In: Cabral JP, Viegas SM, organizadores. *A ética dos nomes: gênero, etnicidade e família*. Lisboa: Editorial Almedina; 2007. p. 265-89.
4. Edwards J, Franklin S, Hirsch E, Price F, Strathern M. *Technologies of procreation: kinship in the age of assisted conception*. Manchester: Manchester University Press; 1993.

SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL.
Amarante P. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2007. 120 pp. (Temas em Saúde).

ISBN: 978-85-7541-135-3

A história da saúde mental no Brasil e em alguns outros lugares do mundo é uma narrativa de lutas. Envolve muitos personagens e suas trajetórias; mobilizações, discussões e rupturas. Uma história de jogos de poder, “da emergência dos jogos de verdade”, como nos lembra Foucault¹. O lugar de onde nos posicionamos para construir, narrar essas histórias, já indica, de alguma forma, nosso comprometimento político, afetivo, cotidiano com aquilo que estamos enunciando. O livro de Paulo Amarante, *Saúde Mental e Atenção Psicossocial*, nesse sentido, nos permite entrar em contato com o campo da saúde mental sem deixar de lado aspectos importantes de uma história que vem abrindo e conquistando territórios cotidianos e políticos que apontam para uma transformação no campo da saúde mental brasileira.

De maneira concisa, mas sem deixar de tocar em aspectos fundamentais que permitem ao leitor passar por caminhos teóricos e debates em torno do campo da saúde mental, o livro, escrito de maneira informal, estabelece uma boa conversa com seus leitores de forma que alguns temas poderão ser aprofundados em outras leituras como indica o próprio autor. Fazendo parte da coleção *Temas em Saúde*, a publicação se confirma como uma ferramenta acessível, podendo circular tanto por leitores iniciantes nesta temática, mas que estão dispostos a conhecer um território que faz parte da história dos movimentos sociais no Brasil, bem como instrumentaliza leituras no circuito daqueles já mais familiarizados com as discussões da saúde mental e sua literatura.

O livro abre com a epígrafe provocativa de Ronald Laing, já anunciando que existe um debate epistemológico no campo da saúde mental que irá circular em torno das concepções de ciência e os seus métodos para lidar/pesquisar aspectos diversos da vida humana, em particular, os estados de intenso sofrimento psíquico ou, o que chamamos, por exemplo, de psicose. Aliás, a presença de Laing na abertura indica, neste caso, uma crítica a toda uma aparelhagem teórico-conceitual que certos modelos de psiquiatria, medicina e psicologias colocaram em circulação entre os séculos XVIII e XX. Contudo, o livro em questão não faz uma crítica ingênua apenas porque o autor toma um outro caminho dentro de seus posicionamentos teóricos e a partir da sua própria história. As idéias trazidas por Amarante são trabalhadas no sentido de que o leitor possa ver o que representou determinada posição teórica e prática, e o que ela engendra ou engendrou no território da saúde mental. A Psiquiatria Preventiva americana nos serve como exemplo disso. Ela é analisada na publicação no que diz respeito ao contexto de seu aparecimento e qual o efeito que isto gerou na comunidade americana e no campo da saúde mental. Apesar disso, é preciso, como revela o texto, termos cuidado com determinadas estratégias formuladas por essa linha de pensamento como a de “buscar suspeitos”, ou a idéia de “desvio”. Conhecer esses campos da saúde mental é se introduzir nos principais aspectos das suas discussões e o livro abre caminho para problematizações que se fazem necessárias. Até porque, saúde mental é um campo de fronteiras com muitas possibilidades de